

GT 3 – Secretariado e Atuação Profissional

**AS NOVAS CONFIGURAÇÕES DA PROFISSÃO DE SECRETARIADO NO
CONTEXTO DA ECONOMIA COLABORATIVA: UM ESTUDO EM *COWORKING*
SPACES DO ESTADO DO PARANÁ****Evelyn Kauana Bioen**

UNIOESTE, evelynbioen123@gmail.com

Ivanete Daga Cielo

UNIOESTE, ivadcielo@hotmail.com

Fernanda Cristina Sanches-Canevesi

UNIOESTE, fernandacsanches@gmail.com

Juliana de Souza Lima

UNIOESTE, juliana-lima-2012@hotmail.com

Resumo: A proposta deste trabalho é refletir sobre como os novos modelos da economia colaborativa podem repercutir no desenvolvimento da profissão de secretariado executivo. Como justificativa do desenvolvimento do presente estudo tem-se o fato de que as organizações contemporâneas estão assumindo novos contornos, como estruturas virtuais e modelos de gestão colaborativos, o que requer ajustes na forma de atuação dos secretários executivos e, portanto, compreender e se adequar ao novo cenário. Assim, identificar e analisar a inserção e a forma de atuação dos profissionais de secretariado executivo em contextos organizacionais vinculados a economia colaborativa, especificamente em ambientes de *coworking* no estado do Paraná, constitui-se como objetivo do presente estudo. O constructo metodológico delineado deu-se por meio de uma revisão teórica, contextualizando diferentes perspectivas conceituais da economia colaborativa, localizando o secretariado executivo no processo de expansão contemporânea desse fenômeno, acrescida de pesquisa documental e de campo, desenvolvida a partir da aplicação de questionários aos gestores dos ambientes de *coworking* do Estado. Como principais achados tem-se o fato de que essa forma de organização tem espaço para profissionais da área que atuam tanto desempenhando atividades técnicas quanto atividades complexas de assessoria, gestão e empreendedorismo.

Palavras-chave: Economia Colaborativa. Secretariado Executivo. *Coworking*.

1 INTRODUÇÃO

A atuação do profissional de secretariado executivo iniciou-se no país no final da década de 1960 e, desde então, percorreu diversas transformações. As tarefas que eram consideradas simples e rotineiras passaram por ascensão a partir da década de 1980 com a

regulamentação da profissão, e tomaram novas configurações a datar dos anos 2000, ajustando-se às novas formas de trabalho das organizações (MAÇANEIRO, 2013).

Todavia, nas últimas décadas, o mercado de trabalho de forma geral, passou por significativas mudanças, e no cenário atual, marcado pelo desenvolvimento de tecnologias, aliado à conjuntura de recessão econômica e altas taxas de desemprego, as reconfigurações do mercado resultaram no surgimento da chamada economia colaborativa. Em termos conceituais, a economia colaborativa pode ser definida como um conjunto de iniciativas baseadas em redes e participação de comunidades, nas quais a cooperação adquire importância na estratégia das empresas, com o objetivo de incluir grupos parceiros no acesso às inovações e buscar crescimento mútuo (BOTSMAN; ROGERS, 2011; RIFKING, 2012).

Nessa nova arquitetura organizacional, insere-se também, os ambientes denominados *coworking*, caracterizados, de acordo com Medina e Krawulski (2015) pelo compartilhamento de um ambiente entre trabalhadores de áreas independentes. Esses ambientes, de acordo com Santos (2014), além de propiciarem maior cooperação entre os distintos profissionais, possibilitam a maximização dos recursos, uma vez que os custos de infraestrutura e dos serviços necessários são divididos entre todos os *coworkers*. Ainda, de acordo com Santos (2014), *coworking space* (espaço de trabalho compartilhado) é um modelo de negócio que utiliza o compartilhamento como princípio, e isso inclui o espaço físico, o acesso às tecnologias da informação e serviços necessários. Para Zanon (2015) o crescimento das formas mais flexíveis de trabalho são características do século XXI, em função de que a internet e o desenvolvimento tecnológico possibilitam a realização das atividades laborais independentemente do lugar em que o sujeito se encontra.

Para os profissionais de secretariado executivo, essas mudanças organizacionais podem impactar na alteração da forma de atuação. Isso porque as atividades secretariais que, tradicionalmente eram desempenhadas em empresas físicas e de forma individualizada, necessitam ser ofertadas para um número crescente de indivíduos que atuam em ambientes colaborativos e muitas vezes por meio de plataformas digitais. Essas contemporâneas formas de trabalho podem propiciar aos profissionais de secretariado executivo o assessoramento de um número maior de executivos e empreendedores, bem como o desenvolvimento de atividades específicas vinculadas às demandas da economia colaborativa (MESQUITA *et al.*, 2019).

Assim, o presente estudo tem como pergunta de pesquisa: como os profissionais de secretariado executivo podem se inserir nesses novos modelos da economia colaborativa, a exemplo de ambientes de *coworking*? Isso porque tem-se como premissa que essas novas configurações do mercado de trabalho podem repercutir na forma de atuação e desenvolvimento desses profissionais. Para tanto, delimitou-se como objetivo principal, identificar e analisar a inserção e a forma de atuação dos profissionais de secretariado executivo em contextos organizacionais vinculados a economia colaborativa, especificamente em ambientes de *coworking* no estado do Paraná.

Cabe destacar que a opção pelo recorte metodológico de investigação no estado do Paraná deu-se em função da quantidade de cursos de formação superior em Secretariado

existente no Paraná (segundo maior oferta do país) e do crescente número de *coworking spaces* nesse Estado.

Para alcançar os objetivos propostos, estruturou-se este estudo conforme segue: além desta introdução, apresenta-se na segunda seção um levantamento teórico acerca da história do secretariado e uma contextualização da atual sociedade econômica, que se desdobra na economia colaborativa e, sucessivamente, nos *coworking spaces*. Na terceira parte relatam-se os procedimentos metodológicos empregados para o desenvolvimento da pesquisa; na quarta seção são apresentados os resultados do estudo e na quinta, as conclusões e sugestões para estudos futuros. As referências completam o estudo.

Assim desenvolvido, o presente estudo pretende contribuir com o avanço da pesquisa sobre o tema, propondo reflexões e análises no campo das oportunidades e desafios para os profissionais de secretariado executivo.

2 O SECRETARIADO EXECUTIVO NA ECONOMIA COLABORATIVA

A atuação do profissional de secretariado executivo, iniciada no país no final da década de 1960, tradicionalmente era vinculada à realização de tarefas simples e rotineiras e considerada uma função complementar nas organizações. De acordo com Maçaneiro (2013), essa forma de atuação estava arraigada na cultura organizacional e nos próprios cursos superiores de formação de secretariado executivo, que primavam pela oferta de um rol de conhecimentos técnicos e pela formação de profissionais para o desempenho de atividades elementares.

Entretanto, a partir da década de 1980, a profissão apresentou considerável ascensão com a regulamentação da profissão (Lei nº 7.377/85, complementada pela lei nº 9.621/96), e com a criação de entidade de classe e publicação do código de ética profissional, em 1989, obtendo maior reconhecimento no mercado de trabalho e assumindo novas atribuições e contornos (MAÇANEIRO, 2013). Dadas as novas configurações das organizações e do mercado de trabalho, nos anos 2000, o perfil do profissional passou por modificações, ajustando as atribuições às novas conjecturas organizacionais e tornando-se um profissional de suporte e assessoria a gestores nas organizações. Para Nonato Júnior (2012, p.126) “as atividades de assessoria são hoje o cerne do fazer secretarial em um nível amplo”.

Todavia, no cenário atual de desenvolvimento de tecnologias, aliado à conjuntura de recessão econômica e altas taxas de desemprego, os profissionais de secretariado executivo foram impelidos a novos desafios e ajustes em suas formas de atuações, em vista das reconfigurações do mercado de trabalho, a exemplo do surgimento da chamada economia colaborativa. Vale ressaltar que, na atualidade, o capitalismo desmoderado é um fator significativo no trabalho e no consumo e, conseqüentemente, para se manterem competitivos no mercado de trabalho, os profissionais têm necessidade de desenvolver estratégias de inovação e criatividade que garantam a sobrevivência da organização (SANTOS, 2014; PASQUALOTTO; BUBLITZ, 2017).

Destarte, ao acompanhar as novas configurações organizacionais, é possível afirmar que o conhecimento se tornou elemento primordial, com peso nas tecnológicas e nas relações pessoais. Essa necessidade de adequar a sociedade ao modelo pós-industrial pode ser explicada por Campos *et al.* (2015, p.03) como “uma orientação para um movimento transformador dos contornos sociais”. Nesse cenário, ressalta que os profissionais de secretariado executivo, precisam ajustar-se às novas conjecturas do mercado, a exemplo de contextos de economia compartilhada.

2.1 Considerações sobre economia compartilhada e *coworking spaces*

A economia compartilhada ou colaborativa é um fenômeno recente e refere-se às relações de trabalho e consumo por meio da colaboração, troca ou aluguel de bens, sem que haja, necessariamente, a aquisição destes (Choi et al., 2014). Essa tendência se popularizou nos últimos anos, abrangendo bens tangíveis e intangíveis e alterando as relações de consumo e de trabalho. Para Botsman (2014) a economia colaborativa pode ser definida como um sistema econômico de redes e mercados descentralizados, formado por indivíduos e comunidades com objetivos recíprocos e que não necessitem de instituições centralizadas como intermediários, transformando o modo como as pessoas podem produzir, consumir, financiar e aprender.

Para Botsman e Rogers (2011), a economia colaborativa pode ser definida como iniciativas baseadas em redes e participação de comunidades, ou seja, como um sistema que explora valores ociosos de distintos ativos por meio de modelos e negócios que possibilitem a maximização da eficiência e do acesso. Para os autores, cada vez mais, esses ativos incluem atributos como habilidades, utilidades e tempo. Assim, a capacidade para descobrir oportunidades de colaboração passa a ser característica fundamental para gestores e empreendedores inseridos no atual contexto econômico. Behrens (2015) complementa que a economia colaborativa é construída a partir da distribuição de confiança e poder na comunidade, em oposição às instituições centralizadas. Rohden *et al.* (2015) afirmam que o compartilhamento conecta os indivíduos, criando um senso de comunidade, economizando recursos e desenvolvendo sentimentos como a solidariedade e a proximidade.

Kaufman (2012), em seus estudos sobre a economia colaborativa, afirma que esta se desenvolveu a partir de três pilares: crises econômicas e a intensificação do tema da sustentabilidade; as transformações socioculturais dos indivíduos e das instituições; e o efeito da tecnologia digital sobre os dois anteriores. A autora destaca que as crises econômicas levaram a um menor consumo, favorecendo a proliferação de plataformas colaborativas e o desenvolvimento de economias híbridas. Isso fez com que parte das empresas formais modificassem sua forma de atuação revendo conceitos, premissas e paradigmas para conseguir se manter no mercado. Em relação ao pilar tecnológico, a autora supracitada, menciona que o avanço tecnológico e a inovação provocaram impactos econômicos e sociais, fomentando sob a ótica de conectividade, do espírito empreendedor, além de novas práticas de gestão e de desenvolvimento humano. Flores (2016) e Kaufman (2012) afirmam que as mudanças de cunho

tecnológicas propiciaram a identificação de oportunidades, a geração de distintos modelos de negócios e do desenvolvimento de recursos humanos para gerir as emergentes arquiteturas organizacionais.

De acordo com Rifkin (2012), a economia mundial está em processo de transformação e os sistemas colaborativos têm ocupado, cada vez mais, espaços do capitalista vigente. Para o autor, no lugar da competição exacerbada, a cooperação adquire importância na estratégia das empresas, com o objetivo de incluir grupos parceiros no acesso às inovações e buscar crescimento mútuo. Pasqualotto e Bublitz, (2017) corroboram com as ideias de Rifkin (2012) ao afirmarem que a economia colaborativa propõe uma alternativa ao capitalismo, uma forma de reduzir a competitividade do mercado, apresentando uma atividade econômica solidarista, baseada na interação social.

Rifkin (2014) argumenta que o capitalismo está, lentamente, perdendo espaço, e que a Internet das Coisas (IoT - *Internet of Things*) tem feito o sistema de economia colaborativa se expandir. Para Costa (2017) a expansão da tecnologia nas últimas décadas tem se tornado parte decisiva para que a sociedade continue migrando de um sistema centralizado para uma sociedade descentralizada e lateralmente distribuída. Ainda, de acordo com Rifkin (2014), todo o avanço tecnológico acelerado do século XXI converge para a criação de uma rede neural global, conectando tudo a todos na IoT. Para ele, todas as grandes revoluções que ocorreram na história da humanidade têm em comum o desenvolvimento de um ou mais elementos da matriz da infraestrutura de comunicação, energia e transporte, e a IoT leva-os à Terceira Revolução Industrial. Essa é a primeira revolução de infraestrutura inteligente, que possui a capacidade de formar uma rede de conhecimento com troca de informações constante (COSTA, 2017).

Dentre as novas arquiteturas organizacionais atuais, destacam-se os ambientes denominados de *coworking*. Segundo Aquino (2007), essa modalidade torna-se uma estratégia de produtividade de forma que, ao substituir o modelo de trabalho tradicional, realça a facilidade e a cooperação existentes nas dimensões e nas variáveis específicas da economia colaborativa. Tais aspectos delineiam o perfil de uma sociedade empresarial que valoriza o conhecimento, as relações pessoais, a criatividade, a flexibilidade e a inovação.

O surgimento dos *coworking spaces* deu-se a partir de 1999, quando o termo foi utilizado pela primeira vez por Bernie DeKoven (LEFORESTIER, 2009). Entretanto, somente em 2005, o formato de cooperação entre profissionais de diversas áreas passou a corresponder à modalidade específica do *coworking*. No Brasil, tais ambientes despontaram apenas em 2007, já com as características predominantes de “baixo custo e [...] estrutura adequada para atender pequenas empresas, autônomos, *freelancers*, empresários emergentes e teletrabalhadores.” (MEDINA; KRAWULSKI, 2015. p. 182).

A configuração estrutural e funcional desse modelo de trabalho traduz a eficiência gerada pelo compartilhamento, além de que os custos de infraestrutura e dos serviços necessários de um só ambiente são divididos entre seus membros (SANTOS, 2014). Os autores Campos et al. (2015) ressaltam a importância do networking, da troca de experiências e da abertura para a criatividade e para inovações, já que facilitam o desenvolvimento de negócios

e proporcionam o crescimento profissional. Tais autores ainda sintetizam que o *coworking* ganha, gradativamente, espaço no mercado de trabalho atual:

Transformou-se em um conceito norteador dos diversos tipos de ambientes de inovação e de trabalho pautados na sociedade e na economia do conhecimento, alterando modelos mentais, arranjos físicos, plataformas virtuais, as relações de trabalho, de vida, pautadas na inovação, no empreendedorismo, na geração de valor para o indivíduo, sua comunidade, a sociedade, o mercado e suas relações globais. (CAMPOS *et al.*, 2015, p.20)

Dado o exposto, nota-se o contorno inovador desses ambientes em diversos aspectos, principalmente no que diz respeito à interação social e à flexibilidade. Portanto, vale ressaltar a importância desses espaços, que atuam “permitindo a redução de despesas, facilitando a mobilidade urbana e maximizando a eficiência e a produtividade no trabalho” (SANTOS, 2014, p.3). Dessa forma, a dimensão dos *coworking spaces* reflete na necessidade de profissionais capacitados e multifuncionais para essa nova realidade. E investigar as competências e as formas de inserção dos secretários executivos nessa nova modalidade organizações é a métrica do presente trabalho.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os procedimentos metodológicos de um estudo são determinantes para o desempenho da pesquisa. Estes permitirão ao pesquisador produzir seus estudos dentro de uma racionalidade objetiva e adequada à realidade de seu contexto (GIL, 2008).

Assim, a presente pesquisa adotou como enfoque metodológico a abordagem qualitativa, de caráter exploratório e descritivo (RUIZ 2004; SEVERINO, 2007; GIL, 2008; APPOLINÁRIO, 2011). A opção pela abordagem qualitativa pode ser justificada pelos objetivos do presente estudo, que buscou descrever e analisar a interação entre as variáveis e ainda interpretar os dados, fatos e teorias, abrindo mão de abordar o problema a partir de procedimentos e técnicas estatísticas (APPOLINÁRIO, 2011).

Quanto ao caráter exploratório, convém destacar que se fundamenta nos pressupostos de Gil (2008) e de Severino (2007), que descrevem esse tipo de pesquisa como apropriada quando se objetiva aprofundar os conhecimentos sobre o objeto de estudo e adquirir maior familiaridade com o problema de pesquisa. Tal opção se fez legítima devido à lacuna de estudos que versam sobre economia colaborativa e seus impactos sobre os profissionais de áreas como secretariado. Em relação ao caráter descritivo, justifica-se a opção dado que, nesse tipo de pesquisa, objetivou-se a descrição das características de determinada população e fenômeno, estabelecendo a relação entre variáveis: as mudanças impostas pelos *coworkings* e as atribuições ao profissional de secretariado executivo (SEVERINO 2007; GIL, 2008; APOLINÁRIO 2011).

Para atingir o objetivo proposto para o presente trabalho, realizou-se, inicialmente, uma revisão teórica, desenvolvida com base em levantamento bibliográfico, para melhor compreender o fenômeno em investigação (CRESWELL, 2007). Na sequência, realizou-se uma pesquisa de cunho documental para identificar o quantitativo de *coworkings* existentes no Brasil e no Estado do Paraná. Cabe inferir que os dados relacionados à existência de ambientes de *coworking* no Paraná foram obtidos por meio das informações públicas constantes em relatório de sites, a exemplo do “coworkingbrasil.org” e juntas comerciais dos principais municípios paranaenses, identificando a existência de 75 ambientes de *coworking* no Estado. Outros dados também foram agregados através de aplicação de questionários aos gestores de *coworking*, visando subsidiar discussões acerca da atuação de profissionais de secretariado executivo nesses ambientes. Esses questionários foram enviados à totalidade de gestores por meio eletrônico (ferramenta Google Formulários) aos endereços de e-mail dos *coworkings*, no mês de maio de 2019. Todavia, obteve-se o retorno de apenas 27 organizações, o que representa 36% do total.

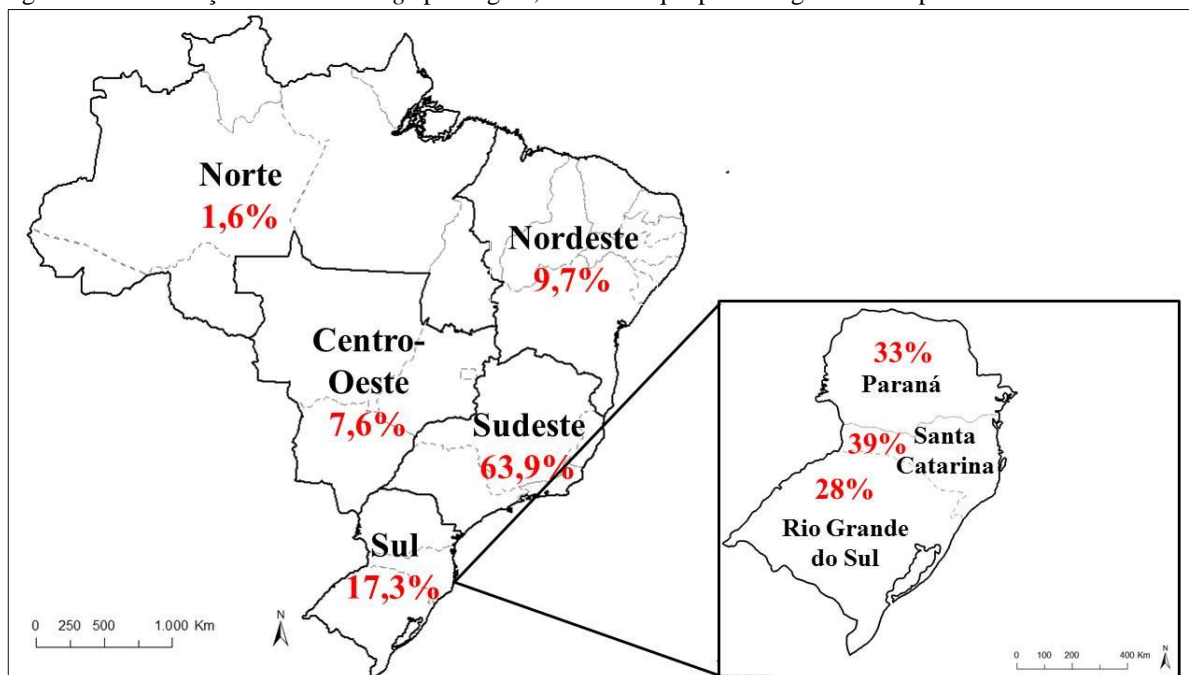
Cabe destacar que o recorte do estudo, abrangendo apenas o estado do Paraná, justifica-se em função do significativo número de cursos de Secretariado existente. Dados do e-MEC (2019) apontam para a existência de 46 cursos no Estado, nas distintas modalidades, quer seja tecnólogos e bacharéis, e ofertados de forma presencial e à distância, o que representa a segunda maior oferta de cursos dessa área no país.

No que tange a análise dos dados, a estatística descritiva foi a forma mais utilizada. Para tanto, os dados coletados foram trabalhados e apresentados, de modo geral em gráficos, permitindo uma análise sobre a atuação dos profissionais de secretariado executivo nos novos modelos de negócios introduzidos pela chamada economia colaborativa, que propicia uma visão mais ampla acerca do fenômeno investigado.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Tendo em vista o objetivo do presente estudo, qual seja, identificar e analisar a inserção e a forma de atuação dos profissionais de secretariado executivo em contextos organizacionais vinculados à economia colaborativa, especificamente em ambientes de *coworking* no estado do Paraná, inicialmente, fez-se necessário levantar informações sobre iniciativas de economia colaborativa, em especial o modelo de *coworking*, no Paraná. Para que seja possível uma visão mais abrangente desse modelo de economia, optou-se por mapear a quantidade desses espaços no Brasil e no Paraná. Por meio dos dados disponíveis no site *Coworking Brasil*, identificou-se a existência de 1.194 *coworkings* distribuídos pelo país em 2018, conforme demonstra a Figura 1:

Figura 1 - Distribuição dos *coworkings* por região, com destaque para a região Sul do país.



Fonte: elaborado pelas autoras com base nos dados do Censo *Coworking* Brasil (2018).

A desigualdade na concentração desses ambientes entre as regiões é perceptível. A principal diferença que pode ser destacada é a detenção de 81,2% de *coworking spaces* pelas regiões sul e sudeste, enquanto as demais possuem índices inferiores e totalizam apenas 18,8%. Tamaña diferença advém de um contexto histórico e econômico que remonta ao século XIX, no qual fatores como o crescimento da exportação, a mão-de-obra escrava, o capital e a iniciativa empresarial – a migração maciça de capital e a iniciativas empresariais deveriam ser redistribuídas, mas não foram – influenciaram diretamente na distribuição espacial do desenvolvimento regional (LEFF, 1972).

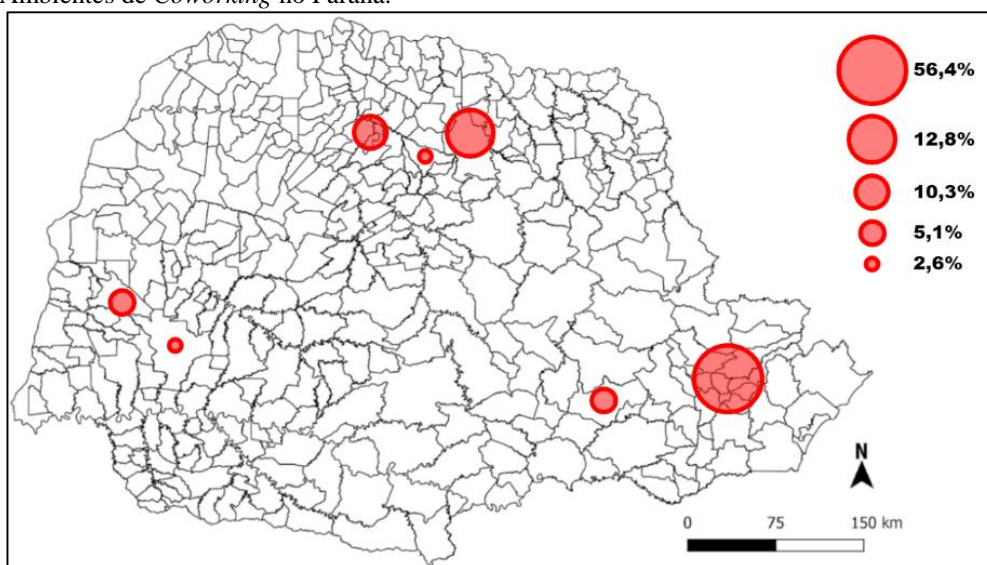
Atualmente, a região Sudeste possui um índice de desenvolvimento econômico elevado - maior participação no PIB nacional (IBGE, 2018) e grande investimento em capital e em pesquisa. a região Sul assemelha-se a esses índices e comporta a segunda posição na pesquisa de distribuição dos *coworkings*. Além disso, vale ressaltar que os melhores indicadores do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) são da região Sul e Sudeste (Galeano & Mata, 2009).

Em síntese, identificou-se 9,7% *coworking spaces* na Região Nordeste, 7,6% na Região Centro-Oeste, 1,6% na região Norte, 63,9% na região Sudeste e 17,3% na região Sul. Os dados obtidos revelam que, especificamente na região sul do país, existem 227 espaços, sendo que destes, 33% encontram-se no Paraná (contabilizam 75), 39% em Santa Catarina (88) e 28% no Rio Grande do Sul (64).

No que diz respeito ao Paraná, segundo o IPARDES (2003), seu desenvolvimento econômico percorreu uma trajetória significativa dos anos 1970 a 2000, na qual “despojou dos traços exclusivos de uma fazenda de café e um conjunto de serrarias para exercer o papel de uma economia agrícola e indústria” (p. 1). Tal afirmação pode ser complementada por meio de dados do IPARDES (2017), os quais apresentam que, no ano de 2013, o Paraná ocupou a 1ª posição do setor agropecuário e a 4ª posição na participação industrial, ambos em nível nacional. Além disso, o Índice de Desenvolvimento Humano, que em 2000 correspondia a 0,650, aumentou para 0,749 em 2010, ocupando o 5º lugar em nível nacional. Todavia, a distribuição da riqueza e dos avanços sociais entre os municípios não ocorre de forma homogênea.

Não menos importante, vale observar e compreender o contexto para a existência dos *coworking spaces* no Paraná, que como apresentado anteriormente, é responsável por 75 ambientes, representados na Figura 2.

Figura 2 – Ambientes de *Coworking* no Paraná.



Fonte: elaborado pelas autoras com base nos dados do Censo *Coworking* Brasil (2018).

No âmbito de relevância estadual, a aglomeração metropolitana de Curitiba é mais integrada e possui dinamicidade econômica de transformação e, assim, representa o maior desempenho dos indicadores. Nesse sentido, é possível associar esse contexto aos 42 *coworking spaces* existentes que, em nível estadual, representam mais de 50% do valor total. Além disso, essa localização Sul-Leste, envolve o município de Ponta Grossa que, em porcentagem acerca desses ambientes de inovação, corresponde a 5%.

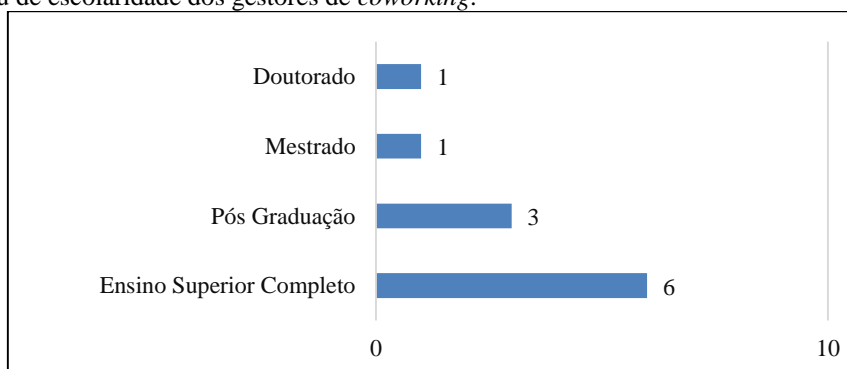
Posteriormente, a região Norte-Central, principalmente entre os municípios de Londrina e Maringá, tem elevada relevância econômica no que diz respeito, principalmente, às

atividades agropecuárias. Não obstante, estão em crescimento os setores industrial e tecnológico, justificativa por essa região deter aproximadamente 20 ambientes de trabalho compartilhados. Em sequência, no que diz respeito à região Oeste do estado, vale ressaltar a importância do mesmo no agronegócio, pelo qual possui índices elevados a nível estadual e nacional do setor primário. A região também está progredindo no meio urbano, uma vez que a utilização exacerbada dos recursos naturais pelo setor primário possui significativos resultados (IPARDES, 2003). Assim sendo, as cidades de Cascavel, Toledo, Marechal Cândido Rondon e Foz do Iguaçu (destaque pela fronteira de comércio internacional) compreendem em torno de 7 *coworking spaces*. Em contraposto, a região Central do Paraná é socialmente crítica, com nível elevado de pobreza e baixas condições de moradia (IPARDES, 2017), sem registro de ambientes colaborativos nessa região.

Em relação ao crescimento dos ambientes colaborativos, os *coworking spaces*, de acordo com o Censo *Coworking Brasil* (2018), expandiram-se cerca de 401,6% nos últimos 4 anos. Tal fato justifica-se, em grande parte, pela pluralização do perfil desses espaços, uma vez que “a flexibilidade de espaços compartilhados começa a se espalhar cada vez mais”, e lugares como cafés e centros comerciais tornam-se ambientes de trabalho compartilhados.

Dada a expressiva quantidade de *coworkings* no Paraná, investigou-se a presença de secretários executivos atuando nessas organizações, bem como as funções desempenhadas por eles. Para tanto, foi enviado um questionário para todos os gestores de *coworkings* do Paraná, obtendo-se retorno de 36%. Inicialmente, buscou-se delinear um perfil desses gestores e constatou-se que, em sua totalidade, possuem o ensino superior completo, com significativo percentual de pós-graduação lato e stricto sensu, conforme pode ser visualizado no Gráfico 1 – Grau de escolaridade dos gestores de *coworking*:

Gráfico 1 – Grau de escolaridade dos gestores de *coworking*.



Fonte: dados da pesquisa (2019).

Os dados apresentados no Gráfico 1 apontam um perfil de gestor com capacitação superior à média nacional, uma vez que apenas 16,3 % dos jovens adultos com idade entre 24 e 34 anos atingem o ensino superior (MEC, 2018). Além disso, esse elevado grau de formação

pode refletir positivamente na longevidade das empresas que, segundo dados do IBGE, dentre as empresas formais em 2015, 708,6 mil empresas novas surgiram no mercado, enquanto 713,6 mil foram fechadas, ou seja, o índice de fechamento de negócios foi maior do que o de abertura (IBGE, 2015). De acordo com uma pesquisa feita pelo SEBRAE (2016, online), os resultados identificaram que dentre os fatores que ocasionam o fechamento das empresas encontram-se o nível de instrução e capacitação: “tipo de ocupação do empresário, experiência no ramo, motivação para abrir o negócio; planejamento do negócio; gestão do negócio; capacitação dos donos”. Dado o exposto, entre as empresas que possuem maior prospecção são as que os empresários com maior visão de mercado, gestores que tem conhecimento e aplicam isso de forma estratégica (SEBRAE, 2016).

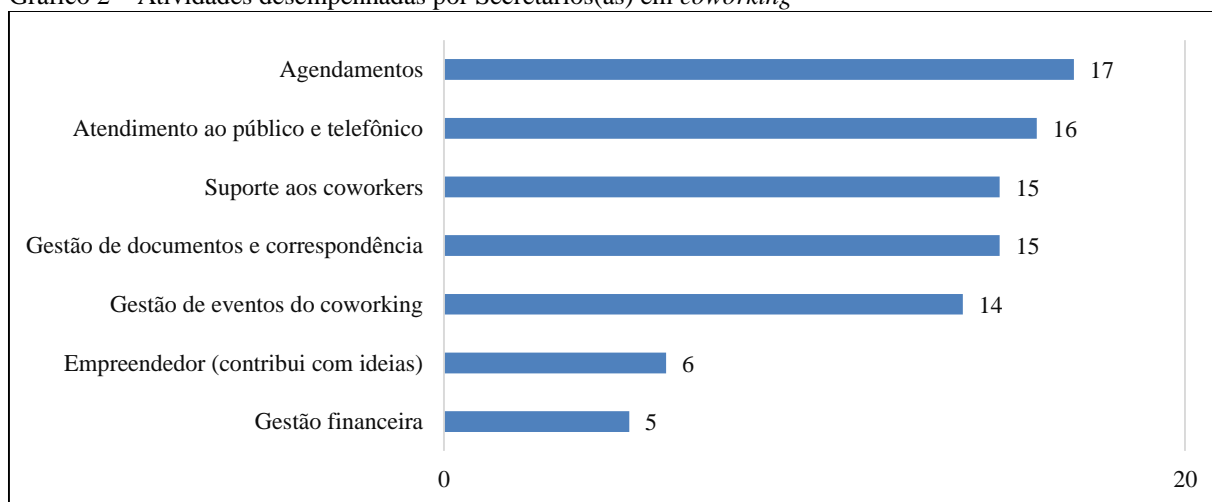
Além disso, investigou-se a quantidade de espaços de trabalho disponíveis nos *coworkings*. Os resultados alcançados revelam que, em porcentagem, a quantidade distribui-se da seguinte forma: 75% possuem até 20 ambientes, 18% tem entre 21 e 40 espaços e 7% compreendem mais de 41. Tais informações comparadas à média nacional de porte dos estabelecimentos, de acordo com o SEBRAE (2013), estão em consonância, visto 99,0% das empresas são MPE (Micro e Pequenas Empresas), enquanto apenas 1,00% são MGE (Médias e Grandes Empresas). Não obstante, enquadra-se nesse quesito a quantidade de *coworkers* (empresa e/ou profissionais liberais que possuem seu negócio dentro do *coworking*), que de acordo com a pesquisa, o equivalente a ambientes com até 20 profissionais corresponde a 81% e, apenas 19% possuem entre 21 e 40. Quantidades essas, compatíveis com a quantidade de ambientes de trabalho disponíveis na maioria – 75% dos *coworkings*.

Segundo Medina e Krawulski (2015), esse modelo de gestão é consideravelmente recente e sua tendência está aumentando gradativamente no mercado de trabalho atual. Nesse sentido, com os dados obtidos é possível evidenciar a modernidade dessas estruturas, nas quais cerca de 73% dos *coworkings* existem há 3 anos e 27% existem entre 4 e 10 anos; ou seja, dentre os ambientes colaborativos entrevistados, não houve registros de existência superior a dez anos, época na qual o fenômeno estava sendo implementado no país.

Posterior à delimitação do perfil dos gestores e à caracterização dos empreendimentos, buscou-se identificar a existência de secretários(as) nesses ambientes colaborativos, e constatou-se que em 65% dos *coworkings* existem indivíduos atuando nas funções secretariais. Entretanto, quando questionados se esses indivíduos possuíam formação específica na área, apenas 12% afirmaram. Esse achado induz a interpretação de que, muito embora a profissão de Secretariado Executivo seja regulamentada desde 1985, o exercício ilegal da profissão ainda é prática recorrente dentro das distintas organizações, quer seja no serviço público, setor privado e, inclusive nos novos modelos de organizações, a exemplo dos *coworkings*.

Na sequência, objetivou-se identificar as atividades desempenhadas por esses profissionais, como pode ser observado no Gráfico 2, abaixo:

Gráfico 2 – Atividades desempenhadas por Secretários(as) em *coworking*

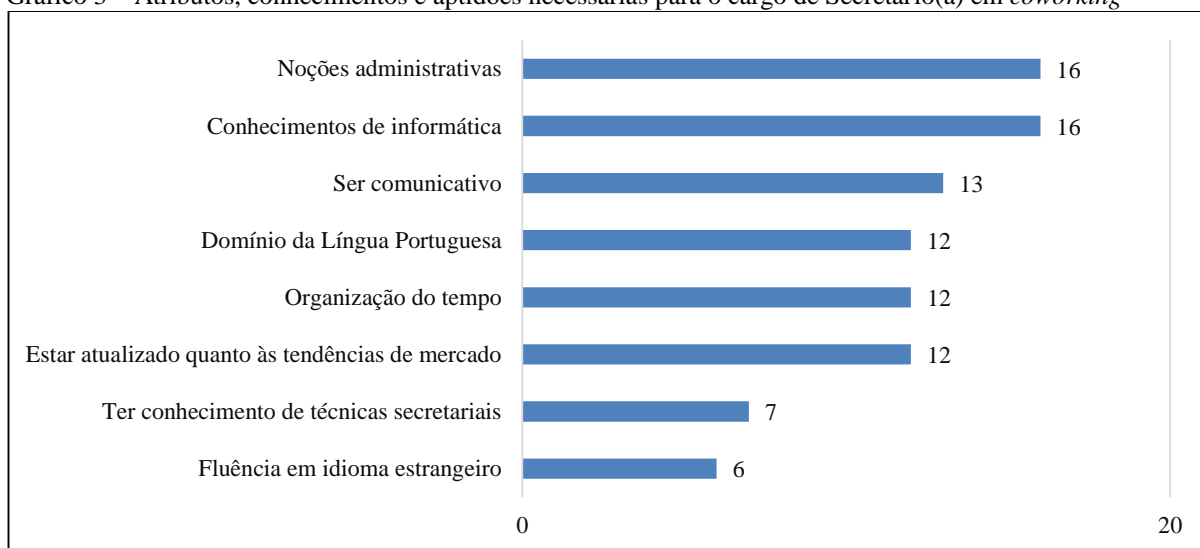


Fonte: dados da pesquisa (2019).

Embora a grande maioria não possua formação na área, as atividades desenvolvidas são inerentes aos profissionais de secretariado. Tal constatação remete novamente à ideia de prática ilegal da profissão e, por conseguinte, maior necessidade de fiscalização dos órgãos competentes no que tange ao exercício da profissão. Isso porque, na medida em que o mercado aceita que profissionais não formados ocupem determinadas vagas para secretariado, não há estímulo por parte dos jovens a cursarem formação específica na área. Outra constatação a partir dos dados apresentados no Gráfico 2, refere-se ao fato de que mesmo os ambientes inovadores, como o *coworking*, ainda remetem ao desenvolvimento de atividades técnicas de secretariado. No entanto, um percentual significativo das atividades desenvolvidas já aponta para um novo perfil de profissional, muito mais voltado para a área de gestão e empreendedorismo. Tal achado remete a um cenário positivo em relação à evolução da profissão e muito mais ajustado ao novo perfil delineado para os profissionais nas atuais Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) da área de secretariado. Isso porque essas diretrizes estabelecem que o profissional formado tenha competência para desenvolver seu trabalho com uma postura reflexiva e crítica, apto a gerir e administrar processos e pessoas. Ademais, estabelecem que tenham capacidade para atuar nos níveis de comportamento microorganizacional, mesoorganizacional e macroorganizacional (BRASIL, 2005).

Na sequência, investigou-se os gestores sobre o rol de atributos e aptidões consideradas necessárias para o cargo de secretário em *coworkings*. A resposta a esse questionamento pode ser observada no Gráfico 3, abaixo:

Gráfico 3 – Atributos, conhecimentos e aptidões necessárias para o cargo de Secretário(a) em *coworking*



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Como já visto anteriormente, os ambientes modernos delineiam um novo modelo de trabalho e de gestão que, paralelos aos gestores, assistentes administrativos e, nesse caso, secretários (as), carecem proatividade, criatividade, conhecimento e tecnologia (CAMPOS et al., 2015). Com isso, vale ressaltar os resultados apresentados no Gráfico 3, nos quais destacam-se as noções administrativas e conhecimentos de informática. Tais tópicos se mesclam e refletem características fundamentais de *coworking*, que segundo Mesquita et al. (2019), serão desempenhadas por esses profissionais por meio de plataformas digitais, que podem ser utilizadas como facilitadoras de processos.

Outra questão necessária ao (a) secretário (a) de um *coworking* é ser comunicativo, uma vez que será a pessoa que fará o intermédio entre os clientes e os profissionais e entre os próprios *coworkers*. Domínio da Língua Portuguesa, Organização do tempo e Atualização sobre o mercado de trabalho não ficam para trás; com quantidades semelhantes de respostas, tais fatores relacionam o papel desse profissional ao posicionamento do *coworking* na sociedade em que está inserido – nesse sentido, deve contribuir com ideias e sugestões, e trabalhar de forma prática, organizada, ágil e eficaz. Observa-se também, que as técnicas secretariais e a fluência em idioma estrangeiro não ocupam as posições superiores, mas não deixam de ser uma parcela significativa.

Por fim, considerando os dados obtidos por meio da pesquisa são notórias as alterações na forma de atuação dos profissionais, trabalhando, cada vez mais de forma compartilhada e assessorando um número crescente de executivos e organizações. Tais achados corroboram com o que postulam os estudos recentes da área a exemplo de Sabino; Rocha, (2004); Durante, 2012; Cielo et al (2014) e Mesquita (2019) que afirmam que o atual perfil do profissional de

secretariado executivo, além de atender às tarefas básicas e rotineiras, precisa compreender dinamicidade e ser multidisciplinar. Dessa forma, esses profissionais tornam-se capazes de se inserir nos preceitos da nova economia colaborativa, assessorando gestores de *coworking spaces* e de demais formas de organização, além de atuar na organização de eventos, do desenvolvimento e do planejamento de atividades estratégicas, da gerência de equipes e processos, de atividades de pesquisa e até mesmo da administração de empreendimentos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No cenário atual de desenvolvimento de tecnologias, aliado à conjuntura de recessão econômica e a mortalidade empresarial, as empresas adequam-se às novas demandas do mercado e aderem ao modelo de economia colaborativa, denominado *coworking*. Ressalta-se assim, a importância desses ambientes, uma vez que possuem traços sustentáveis, econômicos, inovadores e de interação social. Para os profissionais de secretariado executivo, essas mudanças organizacionais impactam na alteração da forma de atuação, uma vez que podem propiciar o assessoramento de um número maior de executivos e empreendedores, bem como o desenvolvimento de atividades específicas vinculadas às demandas da economia colaborativa. Nesse sentido, priorizou-se nesse estudo, investigar esse fenômeno no estado do Paraná, de modo a identificar, descrever e relacionar questões pertinentes ao ajuste das práticas profissionais de secretariado executivo.

Desse modo, foi possível identificar 75 ambientes colaborativos no Paraná, com distribuição desproporcional, porém condizente com as características do estado. A região metropolitana de Curitiba, por exemplo, comporta 56,4% dos espaços, enquanto outros municípios são responsáveis por menores parcelas percentuais. Além disso, buscou-se identificar a existência da função secretarial nesses ambientes colaborativos, e constatou-se que em 65% dos *coworkings*, existem profissionais atuando nas funções secretariais. Entretanto, quando questionados se esses indivíduos possuíam formação específica na área, apenas 12% afirmaram ser graduados em secretariado.

Muito embora a grande maioria não possua formação na área, as atividades desenvolvidas são inerentes aos profissionais de secretariado, e um percentual significativo das atividades desenvolvidas já apontam para um novo perfil profissional, voltado para área de gestão e empreendedorismo. Assim, ressalta-se a necessidade de profissionais eficazes, capazes de prestar suporte aos *coworkers*, de usar a criatividade para atuar como gestores, de serem empreendedores e se reinventarem e, sobretudo, investir em tecnologia.

Tendo em vista o objetivo deste trabalho, foi possível identificar os atributos, os conhecimentos e as aptidões necessários para o cargo de secretário(a) nesse modelo de trabalho, que carecem principalmente de proatividade, criatividade, conhecimento e tecnologia. Dentre os resultados obtidos, destacaram-se as noções administrativas e conhecimentos de informática, já que cada vez mais empregam-se plataformas digitais. Outras habilidades também apontadas pelos gestores como importantes, são: a comunicação; o domínio da Língua Portuguesa; a

organização do tempo; e a atualização sobre o mercado de trabalho. Da mesma forma, os gestores apontam a necessidade de que os profissionais contribuam com ideias e sugestões, e citam que a execução do trabalho deve acontecer de forma prática, organizada, ágil e eficaz.

Em suma, conforme os objetivos propostos e os resultados obtidos com a realização desse estudo, pode-se afirmar que a pesquisa contribuiu para elencar algumas das demandas do mercado de trabalho atual para com os profissionais de secretariado executivo. A pesquisa foi pertinente também para apontar possíveis abordagens e temáticas de inclusão nas matrizes curriculares dos cursos de graduação. Por fim, para continuidade deste estudo e como agenda de pesquisas futuras, sugere-se a ampliação dessa pesquisa a nível nacional, para que, de tal forma, os resultados sejam compilados e obtenha-se um panorama da posição do secretariado executivo em relação aos novos contornos da economia colaborativa.

REFERÊNCIAS

APPOLINÁRIO, F. **Dicionário de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2011.

AQUINO, B.; ADRIANO, C. Transformações no Modelo Industrial, “novos” trabalhos e nova temporalidade. **Psicologia & Sociedade**, Minas Gerais, n.19, p. 21-28, 2007.

BEHRENS, J. S. B. **Startup na prática: oportunidades e desafios**. – Universidade de Brasília: Brasília/DF, 2015. Disponível em: http://bdm.unb.br/bitstream/10483/11697/1/2015_JessicaSoaresBragaBehrens.pdf. Acesso em: 10 maio 2018.

BILERT, V. S.; BISCOLI, F. V. Perfil dos Discentes (Ingressantes e Concluintes) de secretariado executivo: um estudo comparativo nas instituições de ensino superior (ies) públicas. **Revista de Gestão e Secretariado**, São Paulo, v.2, n. 2, p. 33-57, jul./dez. 2011. Disponível em: <https://www.revistagesec.org.br/secretariado/article/view/54/98>. Acesso em 10 nov. 2018.

BOTSMAN, R.; ROGERS, R. **O que é meu é seu: como o consumo colaborativo vai mudar o nosso mundo**. Porto Alegre: Bookman, 2011. 262 p.

BOTSMAN, Rachel. Compartilhar não é só para startups. **Harvard Business Review** New York, 2014. Disponível em: <https://hbr.org>. Acesso em: 10 maio 2018.

BRASIL. **Resolução nº 3, de 23 de junho de 2005** - Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Secretariado Executivo e dá outras providências. Ministério da Educação, Brasília: 2005.

BRASIL. **Lei Nº 7.377**, de 30 de setembro de 1985 – Dispõe sobre o exercício da profissão de Secretário e dá outras providências. Casa Civil, Brasília, DF. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7377.htm. Acesso em: 02 maio 2018.

BRASIL. **Lei Nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996 – Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Casa Civil, Brasília, DF. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9261.htm. Acesso em: 02 maio 2018.

BRASIL. Instituto brasileiro de geografia e estatística. **Censo 2010**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/panorama>. Acesso em: 10 nov. 2018

CAMPOS, J. G. C.; TEIXEIRA, C. S.; SCHIMITZ, A. Coworking Spaces: Conceitos, Tipologias e Características. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DO CONHECIMENTO E INOVAÇÃO. 5., 2015, Joinville. **Anais...** Joinville, 2015.

CIELO, I. D.; SCHMIDT, C. M.; WENNINGKAMP, K. R. Secretariado Executivo no Brasil: quo vadis?. **Revista Gestão de Secretariado - GeSec**, São Paulo, v. 5, n. 3, p 49-70, set./dez. 2014.

CHOI, H. R. et al. **The business model for the sharing economy between SMEs**. Dong-A university. Republic of Korea, 2014. Disponível em: <http://www.wseas.org/multimedia/journals/economics>. Acesso em: 30 abr 2018.

COWORKING BRASIL. **Censo Coworking Brasil 2017**. Brasil, 2017. Disponível em: <https://coworkingbrasil.org/censo/2017/>. Acesso em: 10 maio 2018.

CRESWEL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativos, quantitativos e mistos**. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2007. 296 p.

DURANTE, D. G. A Evolução Da Profissão Secretarial Por Meio Da Pesquisa. In: DURANTE, D. G. **Pesquisa em Secretariado: cenários, perspectivas e desafios**. Passo Fundo: UPF Editora, 2012.

E-MEC. Ministério da Educação. **Instituições de Educação Superior e Cursos Cadastrados**. Disponível em: <http://emec.mec.gov.br/>. Acesso em: 03 jul. 2019.

FLORES, M. Os impactos da economia colaborativa no setor de Turismo. *In: Turismo: Cenários em Debate*. Rio de Janeiro: Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo. Rio de Janeiro, 2018.

GALEANO, E. A. V.; MATA, H. T. C. Diferenças Regionais no Crescimento Econômico: uma Análise pela Teoria do Crescimento Endógeno. **Revista Econômica do Nordeste**, Nordeste, v.40, n. 4, p. 669–683, out/dez. 2009.

GESTOR de coworking é profissão do futuro. **Revista Melhor**, São Paulo, agosto. 2018. Disponível em: <https://revistamelhor.com.br/gestor-de-coworking-e-profissao-futuro/>. Acesso em: 10 nov. 2018.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008. 192 p.

INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL. **Leituras Regionais: Mesorregião Geográfica Oeste Paranaense**. Curitiba, 2003. 104 p.

INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONOMICO E SOCIAL. **Os vários Paranás: As especialidades socioeconômicas-institucionais no período 2003-2015**, Curitiba, 2017. 240 p. Disponível em: <http://www.ipardes.gov.br/biblioteca/docs/variosparanasrelatorio2017.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2018.

KAUFMAN, D. **Empresas e Consumidores em Rede: Um Estudo das Práticas Colaborativas no Brasil**. 1 ed. Rio de Janeiro: Annablume, 2013. 108 p.

KUMAR, K. **Da sociedade pós-industrial à pós-moderna: Novas teorias sobre o mundo contemporâneo**. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar. 1997. 260 p.

LEFF, N. Desenvolvimento econômico e Desigualdade Regional: Origens do Caso Brasileiro. **Revista Brasileira de Economia**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 1, p. 3 – 21, jan/mar, 1972.

LEFORESTIER, A. **The coworking space concept**. Cine Term Project. Indian Institute of Management (IIMAHD), February 2009.

MAÇANEIRO, M. B.; KUHL, M. R. Estado da arte e o rumo do conhecimento científico em Secretariado executivo: mapeamento e análise de áreas de Pesquisa. **Revista de Gestão e Secretariado**, São Paulo, v. 4, n. 3, p. 157 – 188, dez. 2013.

MEDINA, P. F.; KRAWULSKI, E. (2015). Coworking como modalidade e espaço de trabalho: uma análise bibliométrica. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, Santa Catarina, v. 18, n. 2, p. 181-190, 2015.

MESQUITA, A.; OLIVEIRA, L.; SEQUEIRA, A. The Future of the Digital Workforce: Current and Future Challenges for Executive and Administrative Assistants. In: World Conference on Information Systems and Technologies, 2019, Galicia. **Anais. WorldCIST'19**, 2019.

NONATO JUNIOR, R. Objeto de pesquisa em secretariado executivo. In: D. G. DURANTE (org.) **Pesquisa em secretariado: cenários, perspectivas e desafios**. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2012, p. 121-131.

PASQUALOTTO, A. S.; BUBLITZ, M. D. Desafios do presente e do futuro para as relações de consumo ante indústria 4.0 e a economia colaborativa. **Revista de Direito, Globalização e Responsabilidade nas Relações de Consumo**, Maranhão, v. 3, n. 2, p. 62 – 81, jul/dez. 2017

RIFKIN, J. **A Terceira Revolução Industrial** – Como o poder lateral está transformando a energia, a economia e o mundo. 1 ed. São Paulo: M. Books do Brasil, 2012..

RIFKIN, J. **Sociedade com custo marginal zero: a internet das coisas, os bens comuns colaborativos e o eclipse do capitalismo**. 1 ed. São Paulo: M.Books, 2014.

ROHDEN, S. F., DURAYSKI, J., TEIXEIRA, A. P. P., MONTELONGO, A., & ROSSI, C. A. V. Consumo colaborativo: economia, modismo ou revolução? **Desenvolve: Revista de Gestão do Unilasalle**, Canoas, v. 4, n 2, p. 09 – 24, jul. 2015.

RUIZ, F. M. Pesquisa qualitativa e pesquisa quantitativa: complementariedade cada vez mais enriquecedora. **Administração de Empresas em Revista**, Curitiba, n. 3, p. 37 – 47, 2004.

SABINO, R. F; ROCHA, F. G. **Secretariado: do escriba ao web writer**. 1 ed. Rio de Janeiro: Brasport, 2004.

SANTOS, C. M. N. Coworking: contribuições de um modelo de consumo colaborativo e da arquitetura corporativa para o gerenciamento das cidades. **Revista Nacional de Gerenciamento das Cidades**, São Paulo, v. 02, n. 12, p. 85 – 91, 2014.

SEBRAE, Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas, **Anuário do Trabalho na Micro e Pequena Empresa 2013**. Brasília, DF; DIESSE, 2013. 6. Ed. Disponível em: http://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/Anuario%20do%20Trabalho%20Na%20Micro%20e%20Pequena%20Empresa_2013.pdf. Acesso em: 10 maio 2018.

SEBRAE, Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **Sobrevivência das empresas no Brasil**. Brasília, DF, 2016. Disponível em: <http://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/sobrevivencia-das-empresas-no-brasil-102016.pdf>. Acesso em: 10 maio 2018.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23 ed. São Paulo: Cortez, 2007

ZANON, B. **Rede, coworking e emancipação intangível: um olhar sobre a flexibilidade, biopolítica e subjetividade a partir da reestruturação produtiva**. 2015. 115 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de pós-graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015.